

O LOCAL E O GLOBAL NA MODERNIDADE CULTURAL BRASILEIRA

"As considerações... [de ordem semântico-lexicais] mostram como a língua não é – por razões de estrutura – o suporte natural da racionalidade. Para se tornar tal ela deve ser submetida a uma "retificação". Tal retificação, que anima o essencial do desejo filosófico positivo, aponta para uma dupla violência: a) tornar a língua unívoca globalmente; b) impor à língua a idéia de realidade objetiva como nível de base. Isso implica, em primeiro lugar, o desenraizamento do sujeito cujo ideoleto inconsciente organiza os estados do saber, excitados, singulares ou idiossincráticos. Isso implica, em seguida, para uma língua doravante voltada para a objetividade como seu referente necessário e ideal, a redução de todo estado global à estrutura de campo local. Tal redução opera-se mediante um processo hierárquico de abstração que, à medida que a objetividade nele se torna constituída e constituinte, culmina na introdução de categorias. (...) Se abordarmos agora o universo das ciências encontramos evidentemente a metáfora "geográfica" das "regiões" disciplinares; mas a dialética local / global sofre aqui verdadeira mutação."

JEAN PETITOT

Uma vez que os demais participantes desta mesa-redonda irão analisar questões que contemplam outros aspectos do leque que recobre a temática proposta para discussão, penso que seria relevante, nesta mi-

EDUARDO DIATARY B. DE MENEZES¹

RESUMO

O texto examina a maneira pouco crítica através da qual as ciências sociais têm enfrentado a oposição local/global. Circunscrita ao âmbito das grandes oposições (singular/universal, forma/substância, objetivo/subjetivo, discreto/contínuo, etc.), a polaridade local/global presidiu a introdução de metalinguagens que permitiram reformular algumas das questões "dialéticas" mais críticas, propostas pela estrutura lógico-sintático-semântica das línguas naturais. Em substituição à problemática proposta pelo senso comum, o texto aponta para uma reflexão sobre a construção da nossa singularidade, para além das questões construídas sob a ótica da modernidade cultural em sua gênese colonial e estruturação periférica dependente.

* Doutor, Professor Titular (Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará); pesquisador I-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), membro do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras, membro titular da Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF).

nha fala introdutória, suscitar certas indagações relacionadas mais diretamente com aquilo que está explicitamente enunciado no seu título; incluindo aí reflexões de natureza geral e formal, para só depois encarar a especificidade da problemática específica.

Todavia, mesmo se eu me restringisse ao conteúdo expresso no título, ainda assim seriam inúmeros os ângulos pelos quais essa problemática poderia ser examinada. Num plano mais teórico e em sua generalidade ontológica ou formal, posso partir do suposto que, *grosso modo*, as Ciências

Sociais têm enfrentado questões como as sugeridas na temática desta MR sem ultrapassar o nível do senso comum, embora possam ser competentes os seus praticantes. Não há, do meu conhecimento, nenhum trabalho conceptual e epistemológico sério e muito menos que encare abertamente as contribuições de outros campos de conhecimento, onde a reflexão teórica sobre 'local/global' é mais densa e sistemática. Na verdade, tal binômio faz parte dessas grandes oposições (tais como: **singular/universal, forma/substância, objetivo/subjetivo, discreto/contínuo, etc.**) cuja progressiva elucidação assegura à ciência um valor transcendental que excede o mero domínio metódico dos fenômenos empíricos. E é indubitavelmente no território das matemáticas onde tais questões estão mais amplamente desenvolvidas: a geometria diferencial, a topologia

algébrica, a teoria das catástrofes e da morfogênese, etc. Baseada originariamente na intuição espacial, a oposição entre local e global, com o desenvolvimento teórico dos últimos tempos, presidiu à introdução de metalinguagens que permitiram reformular algumas das questões “dialéticas” mais críticas, propostas pela estrutura lógica-sintática-semântica das línguas naturais.

Essa seria, porém, uma discussão que ultrapassaria o quadro de nossas preocupações no momento, nem teria competência suficiente para desenvolvê-la a contento. Não obstante, mesmo que nos centremos no terreno de nossa modernidade cultural, com sua gênese colonial e sua estruturação periférica e dependente, não será difícil constatar certa leviandade da discussão atual em torno da problemática do local/global nessa esfera. Ora, historicamente, sempre fomos “globalizados”. Nesse quadro mais amplo, portanto, o desafio reside em perseguir e construir nossa singularidade (local).

Pessoalmente, ao invés de privilegiar, por exemplo, a formação do Estado no Brasil, ou seja, a dimensão política da questão como espinha dorsal desse processo de gênese de nossa singularidade, minhas preferências teóricas me levam a repor decididamente a ênfase sobre os aspectos histórico-culturais desse questionamento. Nessa perspectiva, é fácil perceber que numerosas questões estão subsumidas nesta problemática, mesmo quando tomada apenas por esse plano:

- Antes de mais nada, em que sentido compreender aí o local e o global? Em que escala devem ser tomadas tais dimensões?

- No âmbito interno, a questão crucial se transforma desde logo na oposição ou, antes, na distinção entre **nacional** e **regional** (ou provinciano).

- Nesse caso, instala-se de imediato a indagação sobre qual o critério que permitiria estabelecer que um ato ou uma expressão simbólica ou estética é “nacional” e outros são “regionais”, sem incluir nessa operação inevitável implicação ideológica. Isso nos remete ao eixo do **poder** no campo das práticas simbólicas,

eixo que institui os pontos centrais do espaço cultural e os dispositivos ou instâncias de consagração, que, por sua vez, atribuem reconhecimento segundo as regras de uma lógica da dominação e da recepção. Ora, é este um território historicamente variável e cujo jogo de alianças e trocas de prebendas ou honras estamentais está articulado com os centros motores da economia e demais dimensões do sistema global, as quais são também conjunturalmente mutáveis.

- Mas, além da distinção ‘nacional/regional’, há outras questões pertinentes, como por exemplo as relações e antagonismos entre cultura das elites e cultura de massas, entre erudito e popular, entre central e marginal, entre produção de vanguarda e rotina cultural, entre revolução e tradição, etc., etc. E, no nosso caso específico, existem ainda as oposições entre Norte e Sul, Litoral e Sertão, que eram os eixos primordiais segundo os quais o Brasil era lido e interpretado por nossa inteligência, pelo menos desde os anos 70 do século passado até os anos 40 do nosso século, isto é, até a vigência da terceira geração modernista, para não dizer mesmo após...

- Se passarmos para o plano externo, em escala mundial, portanto, a oposição ‘local/global’ muda de significação e novas questões se apresentam.

- Num país resultante de longo legado colonial, com as marcas profundas e duradouras do escravismo, com o perfil artificial da maioria de suas instituições, com o caráter patrimonial de sua organização sociopolítica (que confunde a toda hora a ordem privada e a esfera pública), com sua permanente dependência econômica, etc., impõe-se desde logo a problemática do **autêntico** e do **espúrio** na nossa produção e nosso consumo cultural.

- Onde situar e visualizar nossa singularidade, nossa originalidade, nesse domínio? Eu teria a tentação de dizer que, assim como no plano tecnológico e científico em que nossa contribuição original é mínima, também na esfera mais propriamente cultural nossa ação é muito assemelhada a das montadoras ou de meros consumidores. Eis por que, no final dos

anos 50, os teóricos do ISEB caracterizavam a “cultura brasileira” como **exemplarista**, a saber, ela se espelhava e se espelha ainda, ampla e permanentemente, em modelos externos.

• Mas aqui é mister fazer uma retificação nessa tese: numa sociedade ordenada por diferenças abissais e discriminações perversas, nota-se que suas elites culturais estão muito mais vinculadas aos centros mundiais do setor e só se avaliam como legítimas à medida que são capazes de imitação ou semelhança aos padrões estrangeiros e de se esmerarem em sua reprodução, numa como antropofagia mimética e regurgitante; ao passo que suas camadas populares, a despeito das antigas sobrevivências simbólicas de seu imaginário, são portadoras de forças criativas mais livres e originais. É significativo assinalar que algumas de nossas melhores criações coletivas vêm do povo, assim como algumas de nossas mais expressivas obras culturais foram o fruto de mestiços como Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), Padre José Maurício, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Mário de Andrade, etc.

• Enfim, faz parte do “exemplarismo” de nossas elites culturais o estarmos sujeitos, permanentemente e com baixo nível crítico, a todos os modismos intelectuais que avassalam nossa inteligência. E, o que é mais grave, a sua vigência é cada vez mais curta. Nesse sentido, é possível escrever nossa história cultural pela periodização de autores e conceitos importados, que nos invadem desde sempre, mas sobretudo após a Independência política.

• Para concluir, proponho mais algumas indagações: Por exemplo, que significam realmente para o Brasil, como povo-cultura-e-nação, noções como **pós-modernidade** e **globalização**? Que pretende de fato esconder o barulho produzido em torno dessas palavras? Que outras vozes não são ouvidas enquanto isso perdura e não é substituído por outros modismos? Quando superaremos essa esquizofrenia cultural que leva a construir um corpo nacional monstruoso cuja cabeça repudia as suas entranhas? Quando seremos capazes de ousar pensar com mentes e corações brasileiros?